

Projeto Vidas Paralelas Indígena: revelando o povo Potiguara da Paraíba, Brasil.

Proyecto Vidas Paralelas Indígena: revelando el pueblo Potiguara de Paraíba, Brasil.

Project indigenous parallel lives: revealing the Potiguara people of Paraíba, Brazil.

Nadyele Targino¹

Maria da Graça Luderitz Hoefel²

Edgar Merchán-Hamann³

Denise Osório Severo⁴

Silvéria Maria dos Santos⁵

RESUMO

Os Potiguara habitam o litoral norte do Estado da Paraíba, nos municípios litorâneos da Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto. São cerca de 12.000 indígenas distribuídos em 36 aldeias. Destacam-se aspectos da história e da resistência à colonização formando uma barreira ao longo do litoral e a luta com os latifundiários desde o século XIX. As terras foram demarcadas e homologadas na década

1 Estudante de Medicina. Faculdade de Medicina (FM) – Universidade de Brasília (UnB);

2 Doutora em Sociologia. Professora do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências da Saúde (DSC/FS/UnB), Coordenadora do Projeto Vidas Paralelas Indígena (PVPi);

3 Doutor em Saúde Pública. Professor do DSC/FS/UnB, tutor do PVPi;

4Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UnB; Pesquisadora Associada do Núcleo de Estudos em Saúde Pública / NESP, tutora do PVPi;

5 Doutora em História. Professora do Departamento de Enfermagem (ENF/FS/UnB), tutora do PVPi.

de 1990. Destacam-se esforços para reviver a língua Tupi, e a incipiente inserção de estudantes indígenas no ensino superior. Em relação à saúde, das 36 aldeias potiguara, nove têm Unidade Básica de Saúde que funciona apenas quando há presença de médicos a cada semana ou 15 dias. Os caso mais graves são reportados ao DSEI, atendendo em três pólos-base (Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto); dependendo da patologia, o indígena é remitido para diferentes hospitais de João Pessoa, capital do Estado.

Palavras-chave: educação indígena; saúde indígena; indígenas Potiguara do Brasil.

RESUMEN

Los indígenas Potiguara habitan el litoral norte del Estado de Paraíba (Nordeste del Brasil), en los municipios litorâneos da Baía da Traição, Marcação y Rio Tinto. Son cerca de 12.000 indígenas distribuídos en 36 aldeas. Se destacan aspectos de la historia y de la resistencia a la colonización, formando una barrera a lo largo del litoral y la lucha con los latifundistas desde el siglo XIX. Las tierras fueron demarcadas y oficialmente reconocidas

en la década de 1990. Se describen los esfuerzos para revivir la lengua Tupí, y la incipiente inserción de estudiantes indígenas en la enseñanza superior. Con respecto a la salud, de las 36 aldeas potiguara, nueve tienen Unidad Básica de Salud que funciona solamente cuando hay presencia del médico, cada semana o cada 15 días. Los caso más graves son reportados al DSEI, atendiendo em tres polos-base (Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto); dependiendo da patologia, el indígena es remitido para diferentes hospitales de João Pessoa, capital del Estado.

Palabras clave: educación indígena; salud indígena; indígenas potiguara del Brasil.

ABSTRACT

The Potiguara indigenous community is settled on the state of Paraíba (Northeast of Brazil) at the coastal municipalities of Baía da Traição, Marcação, and Rio Tinto. It comprises 12 thousand indigenous people across 36 villages. This article highlights historical aspects and some issues on the resistance to colonization by building a barrier along the coast, and the fight against large-scale landholders (*latifundiários*) since the 19th century. The lands were demarcated and officially recognized in the 1990s. Efforts to bring the indigenous Tupi language back and the incipient inclusion of indigenous students into the higher education are described. Health care topics discuss that 9 out of the 36 Potiguara villages have a Basic Health Unit that only works when a physician is present, every one or two weeks. The most serious cases are reported to the Special Indigenous Sanitary District (DSEI) that services three administrative units

(*Polos Base*), Baía da Traição, Marcação, and Rio Tinto. Depending on the diagnosis, the indigenous person is referred to different hospitals in João Pessoa, the state capital.

Key words: Brazilian indian education; Brazilian indian health; Brazilian potiguara indians; Brazil first nations.

INTRODUÇÃO

Os Potiguara (palavra de origem tupinambá que significa “comedores de camarão”) habitam o litoral norte do Estado da Paraíba (figura 1), nos municípios litorâneos da Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, localizados em um espaço de 33.757 hectares (figura 2). Segundo dados da FUNAI, vivem nessas regiões aproximadamente de 10.000 a 14.000 mil indígenas. Vale salientar que os dados do IBGE de 2000 indicam uma população média de 8.000 índios. Ao todo, no Ceará e Paraíba pode haver cerca de 16.100 potiguara ¹.



Figura 1. Baía da Traição, Paraíba, Brasil.

Oficialmente, o povo potiguara é o único grupo étnico indígena do Estado da Paraíba até o momento, mas espera-se que uma pequena aldeia Cariri seja reconhecida. Os potiguara constituem uma das maiores populações

indígenas do Brasil e a maior do Nordeste. Estão distribuídos em 36 aldeias, sendo as mais conhecidas Forte, São Francisco e Laranjeira. Há uma grande presença urbana, pois se localizam perto de cidades e a pouco menos de 100 km da capital paraibana, João Pessoa. Na sua composição, há forte presença de mestiços, devido à miscigenação de índios e brancos.



Figura 2. Mapa do Estado da Paraíba e localização dos municípios habitados por indígenas potiguara.

Memória

Segundo fontes consultadas^{2,3} e a memória oral, o povo potiguara é conhecido pela sua raça guerreira tendo participado da aliança com os franceses para tentar expulsar os portugueses. Também fizeram alianças com holandeses, sendo duramente massacrados pelos portugueses que viram nessa parceria uma forma de afronta por parte dos índios. Consequentemente, os potiguara impediram ou retrassaram a interiorização dos portugueses no Brasil, formando uma barreira por todo o litoral brasileiro onde eram anteriormente encontrados. Sua história de luta está marcada na memória dos mais velhos, sendo passada como tradição às novas gerações. Por serem guerreiros e altamente territorialistas, os potiguara foram responsáveis pela expulsão dos povos Cariri e Tabajara das terras paraibanas.

Historicamente a luta por terras na região

entre os índios e os latifundiários começou depois de 1850, pois os latifundiários alegavam que não havia mais indígenas nas terras e que a população existente era “apenas de caboclos”, produto da miscigenação de índios com brancos; eles exigiam que as aldeias fossem extintas e a terra redistribuída. Em 1859, diante da invasão das suas terras e ameaçadas, os indígenas pediram a interseção de Dom Pedro II quando este porventura passava por terras paraibanas. Na ocasião, o Imperador “doou” 57.600 hectares aos índios, divididos em duas sesmarias: São Miguel da Baía da Traição e Nossa Senhora dos Prazeres de Monte-Mór.

Em 1866 Monte-Mor foi dividida em 150 lotes, o que deixou os potiguaras em pequena desvantagem em relação às terras, pois famílias latifundiárias como os Lundgren e Matarazzo conseguiram se aposar dessas terras indígenas loteadas. Entretanto, a grande vantagem dos potiguaras foi que as terras não loteadas ficaram pertencendo à comunidade indígena. Até os dias atuais, a aldeia de Monte-Mor está em conflito por terras com usinas de cana-de-açúcar e com a Companhia de Tecidos de Rio Tinto da família Lundgren.

As terras potiguara da Baía da Traição foram demarcadas em 1983, mas só foram homologadas em 1991. Já as terras de Jacaré e São Domingos, nos municípios de Marcação e Rio Tinto, foram homologadas em 1993.

Organização das aldeias Potiguara

Cada uma das 36 aldeias Potiguara é governada por um cacique. Os caciques reportam novidades e problemas das aldeias a um cacique geral, escolhido por votação. Os caciques das aldeias podem ser escolhidos

por votação pelos indígenas da própria aldeia ou pode se tratar de um cargo passado hereditariamente, que é a forma mais comum.

Os potiguaras reportam problemas à Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Entretanto, a sede usada é a de Pernambuco. A Paraíba possui uma sede da FUNAI, mas a mesma é considerada como meramente ilustrativa, pois todas as demandas são recebidas pela FUNAI de Pernambuco e posteriormente enviados à sede nacional em Brasília.

Educação

Dentro das aldeias existe apenas uma escola de ensino público fundamental, localizada na aldeia Tracoeira. Quando uma criança mora em uma aldeia longe da escola, um ônibus pago pela prefeitura da Baía da Traição (cidade próxima às aldeias) transporta o estudante até a escola, e esse mesmo ônibus é responsável por pegar os alunos mais velhos em suas aldeias e os levar na escola de ensino médio localizada na cidade da Baía da Traição.

Ao terminarem o ensino médio poucos indígenas entram no ensino superior. Em uma rápida pesquisa foi realizada uma contagem que mostrou que há 20 potiguaras no ensino superior na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e na Universidade Estadual da Paraíba, estudando em cursos da saúde e ciências exatas (Fisioterapia e Administração). Devido ao incentivo por parte da Universidade de Brasília (UnB) há estudantes indígenas nos cursos de Medicina, Agronomia e Engenharia Florestal. Poucos têm ingresso nas faculdades particulares (apenas dois foram contados) ⁴.

No geral, a educação nas aldeias é baseada

na preservação e valorização da cultura tradicional dos potiguaras, estando presente desde a educação infantil ao ensino médio (figura 3). O corpo docente é formado por indígenas da própria comunidade, sem formação superior, mas com capacitação para ensinar as crianças (ensino fundamental) e por não indígenas formados (para docência no ensino médio). Nas escolas é ensinado o Tupi, idioma dos potiguaras. Entre os mais velhos, há uma grande proporção de analfabetismo.



Figura 3. Ritual de formatura de estudantes indígenas.

Cultura

Os Potiguaras conseguiram com esforço manter alguns de seus costumes, como a dança, comida e vestes cerimoniais. Porém, com a presença maciça dos colonizadores que os forçaram à catequese, um dos traços mais importantes da cultura, a língua Tupi, foi quase extinta. Há pouco tempo, endividam-se esforços para sua recuperação.

O Toré é a dança do povo potiguaras (figura 4). É dançada em suas festividades e sempre no dia do índio, 19 de abril. A dança consiste em um “puxador” aquele que canta as músicas e todos os outros que respondem ao som do

puxador. É dançada em roda, onde no primeiro círculo encontram-se os homens influentes do povo e os mais velhos, e no segundo, as mulheres, crianças e os mais jovens.



Figura 4. Dança do Toré.

A comida é a base de peixe e frutos do mar, pois os potiguara se localizam perto da praia e alguns índios tem como atividade de trabalho a pesca. A comida feita de mandioca é também apreciada, como o beijú, a tapioca, e a própria mandioca que é chamada de macaxeira, cozinhada na água com sal.

A língua predominante é o português. Há quatro 4 anos, um professor de línguas especializado em Tupi, ensinou aos professores indígenas das escolas de ensino fundamental a falar a língua já quase extinta, para que este conhecimento fosse passado aos mais novos na escola, como uma forma de resgate da língua. Alguns críticos acham que como o dialeto Tupi ensinado é diferente daquele que se falava na região, tal prática não deveria ser incentivada e a língua deveria ser dada como morta entre os potiguara.

A religião predominante é a católica. Entretanto, encontram-se pessoas devotas de igrejas protestantes.

Pode-se encontrar enraizada na cultura a assistência ao parto realizada em casa com ajuda de uma parteira. Tal prática está diminuindo aos poucos pela falta de conhecimento das próprias mulheres indígenas que acham o parto domiciliar arriscado.

Saúde

No caso da saúde, o órgão responsável é a recentemente criada Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) do Ministério da Saúde, substituindo a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA). O Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) envia regularmente profissionais de saúde para trabalhar nas aldeias (médicos, enfermeiros, odontólogos, agente de saúde indígenas e não indígenas, psicólogos e nutricionistas). Devido à reestruturação da sede da SESAI na Paraíba, os profissionais de nutrição não trabalham mais nas aldeias.

Em relação à saúde, das 36 aldeias potiguara, nove têm Unidade Básica de Saúde que funciona de forma deficitária, com a presença de médicos a cada semana ou 15 dias, que é quando a unidade é aberta (figura 5). Agentes de saúde indígenas e não-Indígenas passam de casa em casa para saber como anda a saúde dos indígenas. Os caso mais graves são reportados ao DSEI, atendendo em três pólos-base (Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto). Dependendo da patologia, o indígena é remitido para diferentes hospitais de João Pessoa, capital do Estado, acompanhados de um assistente social. No DSEI trabalham 198 funcionários, dentre eles uma equipe multidisciplinar: médicos, enfermeiros, técnicos em enfermagem índios e não índios, assistentes sociais, nutricionistas, psicólogos, odontólogos e técnicos em odontologia. Teoricamente a assistência aos

índios é ampla, mas na prática os mesmos a percebem como sendo desumana e cruel.

Quanto ao saneamento ambiental, não há sistema para tratamento de esgoto nem coleta de lixo. O lixo é queimado ou enterrado em valas.



Figura 5. Centro de saúde na aldeia Tracoeira.

CONCLUSÃO

Esta história é apenas um pouco do que constitui a vida de um povo que sobreviveu à invasão dos portugueses, franceses, holandeses e espanhóis, ao preconceito dos não índios, e ao descaso do governo brasileiro. Um povo que vive na pobreza e humildemente tenta continuar a suas tradições e cultivar a si mesmo como verdadeiro representante do povo brasileiro.

A comunicação entre as aldeias é difícil e não existe telefone fixo. Os telefones celulares só podem ser usados em algumas áreas, subindo pequenos morros nas aldeias. A educação ainda não tem a qualidade desejada e faltam professores. A inclusão digital seria uma forma de ajudar à comunicação de algumas aldeias com o mundo além de ajudar na educação de jovens e dos mais velhos, diminuindo a taxa do

analfabetismo com o incentivo ao estudo.

Não há assistência permanente à saúde; só quando as Unidades de Saúde são abertas a cada semana ou a cada 15 dias; não há médicos nas aldeias. Seria de grande ajuda a construção de mais Unidades de Saúde e o atendimento permanente por parte de médicos em todas as aldeias.

A criação de cotas nas Universidades Federais do Brasil abriu uma nova perspectiva para os Potiguara. Os futuros formandos poderão trabalhar nas aldeias ajudando o seu povo a vencer a barreira do descaso com os mais humildes e com o povo que representa a verdadeira imagem do que é ser brasileiro.

REFERÊNCIAS

1. Instituto Socioambiental (ISA). Povos indígenas do Brasil - Quadro geral dos povos. Potiguara, CE a PB. (Com base em dados da FUNASA). Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>. Acesso em: 01/12/ 2011.
2. Moonen F, Maia LM. *Etnohistória dos índios Potiguara. 1992*. João Pessoa: Procuradoria da República na Paraíba / Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba.
3. Instituto Socioambiental (ISA) / Vieira JG. Povos indígenas do Brasil - Potiguara. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/potiguara/935>. Acesso em: 01/12/ 2011.
4. Fundação Nacional do índio - FUNAI - Coordenação Geral de Educação. Dados de ensino superior CGE 2010. Dados proporcionados para fins da produção do

presente artigo e não se encontram disponíveis em algum local para consulta pública e complementados com dados fornecidos pelo Decanato de Ensino de Graduação da UnB.